Condições de Vida, Cultura Operária e Estilo de Vida de Trabalhadores

YVONNE MAGGIE

Não se trata apenas de resumir aqui os artigos que compõem este livro * (Série Debates Urbanos, dirigida por Lícia Valladares; volume organizado por Luiz Antonio Machado da Silva, com três artigos apresentados em 1981, no Seminário de Estudos Urbanos realizado pelo IUPERJ), mas de apresentar algumas anotações quanto à posição de cada um dos textos com relação ao trabalho de seu autor, assim como delinear alguns aspectos da história desses pesquisadores na gênese da problemática que estariam construindo. É, talvez, nessa relação que os artigos mais se aproximam.

Esses trabalhos abarcam mais aspectos além daqueles de que vou tratar, demonstrando competência na forma de conduzir as questões e provando a importância dos temas tratados. Minhas anotações se prendem, particularmente, a observações que venho fazendo sobre o trabalho de José Sergio Leite Lopes, Maria Rosilene Barbosa Alvim e Luiz Antonio Machado da Silva — que não estão juntos aí por acaso — que tomaram corpo a partir da leitura do livro.

O artigo de José Sergio Leite Lopes — "Anotações em Torno do Tema 'Condições de Vida' na Literatura sobre a Classe Operária" — é uma reflexão sobre a categoria "Condições de Vida", um minucioso trabalho de recortar na literatura os diversos significados que lhe foram sendo atribuídos, levando o leitor, paulatinamente, a desnaturalizá-la.

---

* MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.) *Condições de Vida das Camadas Populares*. Série Debates Urbanos n.º 6. Rio de Janeiro: Zahar, 1984, 98 pp.

"Condições de Vida" não é uma expressão que possa ser retirada do discurso dos autores como algo pronto e acabado, reificado, mas sim, uma categoria que foi sendo construída, não só na obra de cada um dos autores das escolas de pensamento analisadas por Leite Lopes, como também, a partir das questões que foram sendo colocadas pela própria história da classe operária.

Fazendo esse recorte na literatura sobre classe operária, e tentando desvendar a lógica subjacente ao pensamento dos autores, ou levantando as questões que informaram o debate nas diversas etapas de destituição da classe operária, e relacionando embates que se deram na Europa no início do século com debates contemporâneos e "tupiniquins", Leite Lopes reclama uma antropologia da classe operária, não como mais um ramo na academia, mas como uma aproximação da mais elaborada tradição da disciplina com uma vertente marxista. O clássico "falar do ponto de vista do grupo" aproxima a antropologia de uma vertente do marxismo que vê o operário de carne e osso.

Nesse trabalho, o autor aponta variações de significação da categoria "Condições de Vida". No conjunto da literatura por ele comentada, essas variações partem de determinações exteriores à classe trabalhadora — das "condições físicas, do meio ambiente" — que explicam, mecanicamente, o comportamento dos membros da classe e chegam, automaticamente, às "condições morais" correspondentes. Esse marxismo que vai sendo construído chega a uma vertente que enfatiza a determinação pelas forças produtivas da formação da classe operária e de sua organização própria como movimento social, acabando, assim, por privilegiar causas exteriores à própria formação e configuração da classe.

Até os anos 50, as iniciativas de pensar fatos sociais situados na área da reprodução da classe trabalhadora — família, habitação, ideologia, "moralidade" —, e não nas suas relações sociais de produção, pertenceriam aos autores "conservadores". Na atualidade, segundo Leite Lopes, inverte-se essa configuração de posições, deslocando os "conservadores" sua argumentação para o lado econômico e passando os socialistas a enfatizar os argumentos "ideológicos" e "culturais". Com isso, abre-se caminho para a análise das condições de vida, através das disposições culturais dos grupos sociais, como se pode depreender dos trabalhos de Hoggart, Thompson e Bourdieu.

Os apontamentos de Leite Lopes nos fazem refletir, de um lado, sobre a necessidade de se relativizar as categorias analíticas tanto

quanto se relativiza aquelas dos grupos sociais estudados e, de outro, sobre a questão crucial do pensar sobre a classe trabalhadora. Desnaturalizando a categoria "Condições de Vida", desnaturaliza-se, também, a noção de uma classe homogênea, esmagada pelo capital sem esperança de resistência.

Nesse artigo, ao aproximar a antropologia dessa vertente marxista, Leite Lopes estaria fazendo uma pausa reflexiva necessária à continuidade de seu trabalho de pesquisa.

Tal posição frente a essas variações da literatura sobre o tema "Condições de Vida" já está presente em seu trabalho *O Vapor do Diabo* (Leite Lopes, 1976), dissertação de mestrado no Departamento de Antropologia do Museu Nacional. O trabalho trata de uma fração da classe trabalhadora em uma época em que eram enormes as dificuldades de se penetrar em uma usina e maiores ainda as de se aproximar da vida dos operários fora da fábrica. No entanto, partindo das disposições culturais, ou do ponto de vista do grupo, chega-se a entender o trabalho dos operários do açúcar.

Durante todo o período em que a equipe do Projeto "Emprego e Mudança Social no Nordeste",[1] coordenado por Moacir Palmeira, esteve trabalhando, como se pode depreender dos artigos do livro *Mudança Social no Nordeste: a Reprodução da Subordinação* — "Introdução", com Machado da Silva; "Fábrica e Vila Operária: Considerações sobre uma Forma de Servidão Burguesa" — (Leite Lopes, et alii, 1979), Leite Lopes se dedicaria, entre muitas outras reflexões, a reunir dados para uma teoria capaz de dar conta da reprodução da classe operária submetida a um tipo de dominação.

No artigo "Fábrica e Vila Operária: Considerações sobre uma Forma de Servidão Burguesa", construindo uma "situação tipo" fábrica com vila operária, tenta abarcar essa especificidade de subordinação, comparando-a com casos clássicos tratados na literatura socialista. Já na introdução do livro, para os autores, a diversidade de relações de trabalho não constitui uma heterogeneidade fundamental da classe trabalhadora e ali se aponta para a necessidade de se pensar suas formas de reprodução.

A pausa a que me referi é uma reflexão mais próxima daquela literatura que, mesmo informando um segmento do campo intelectual, parece ficar fora do debate, por ser considerada mais "his-

---

1 Para um maior entendimento do projeto e de sua equipe, ver *Anuário Antropológico/76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

tórica". Nesse artigo já se antevê a posição e os caminhos percorridos, até sua tese de doutoramento sobre uma fábrica com vila operária.

A partir dessa ótica, enfatiza-se a necessidade de pensar a formação da classe dos trabalhadores, fazendo sua história social. Em outra ocasião, Leite Lopes (1982) retoma a questão, falando da necessidade de se unir estudos "etnográficos" com uma perspectiva mais histórica sobre dominação e resistência da classe trabalhadora.

Os textos citados mostram a ampla reflexão que vem fazendo o autor sobre essa relação entre uma vertente marxista e uma antropologia que vê do ponto de vista dos grupos sociais estudados.

"Trabalho Infantil e Reprodução Social: o Trabalho das Crianças numa Fábrica com Vila Operária" é o título do texto de Maria Rosilene Barbosa Alvim que se segue ao de José Sergio Leite Lopes no livro *Condições de Vida das Camadas Populares*. Este artigo se coloca dentro da seqüência do projeto da autora de perceber os níveis de articulação entre a família (numa situação tipo fábrica com vila operária) e o trabalho a partir da mediação de suas disposições culturais.

Na divisão de trabalho que prevaleceu entre os membros da equipe Emprego e Mudança Social no Nordeste, Leite Lopes e Alvim iniciaram o estudo de uma fábrica têxtil em Paulista. Arriscaria dizer que, desde então até o momento, os dois pesquisadores estariam, como equipe, fazendo a história de um segmento da classe trabalhadora e tentando dar conta de um certo tipo de dominação e de um certo tipo de estilo ou modo de vida operário. Guardando cada um sua forma particular de inserção na vida acadêmica (Maria Rosilene dedicada à formação de alunos de Graduação[2] e José Sergio envolvido com a Pós-Graduação) e um estilo próprio no desenvolvimento do trabalho, os dois elaboram um conhecimento sobre a classe operária, fazendo essa aproximação tão rica entre uma tradição antropológica e um marxismo que quer aprender com Marx a construir os "dados de uma teoria sem medo da realidade".[3]

Voltando ao texto de Alvim, no livro que é objeto desta resenha, a autora recorta, na literatura histórica sobre condições de vida,

---

[2] Ver a esse respeito seu excelente artigo em *Cadernos de Ciências Sociais* (Alvim, 1984a).

[3] Apropriei-me aqui de um comentário de Moacir Palmeira na apresentação do livro *Vapor do Diabo* (Leite Lopes, 1976).

o caso clássico do trabalho infantil. Pensando, através da literatura comentada, no modo como se inverte, no trabalho infantil, a oposição trabalho e vida, característica do capitalismo, a autora leva o leitor a relativizar esse "caso extremo de dominação do trabalho capitalista sobre a vida, impulsionando a dilapidação da força de trabalho e ameaçando sua reprodução" (Machado da Silva, 1984:61).

Depois da reflexão sobre o modo como é elaborada essa noção de trabalho infantil na literatura, somos levados a uma comparação desse caso clássico com uma outra "situação", uma outra forma específica de dominação em uma fábrica com vila operária. Construindo "dados" a partir do relato de seus informantes, a autora aponta a evidência de que a vinda de famílias para Paulista estava ligada à pressão exercida pela fábrica, no sentido de utilizar a mão-de-obra infantil. No caso estudado por Alvim, o trabalho infantil não significa eliminação das relações familiares, indicando uma forma de dominação na indústria que procura interferir na vida do trabalhador, para além dos muros da fábrica.

Digo que a autora constrói "dados" para o entendimento do significado do trabalho infantil, porque a fala dos trabalhadores em si não constitui os dados. Estes provêm dessa fala, mas também, de novas questões, que se ligam menos à produção e mais à reprodução e manutenção do grupo doméstico. Assim, entende-se o significado do trabalho infantil, a partir de sua articulação com o modelo de família estudado.

As conclusões deste artigo já se delineavam em "Notas sobre a Família num Grupo de Operários Têxteis" (Leite Lopes et alii, 1979). Aí se analisa a aproximação das esferas do trabalho e da moradia e as relações entre o grupo doméstico e a fábrica. Para a autora, a análise da família operária, hoje, tem que passar pela história dessas famílias, de sua vinda e de suas representações, uma história do ponto de vista dos membros do grupo, tentando desvendar como eles desenvolveram, no passado, um certo modo operário de vida familiar existente hoje na cidade.

As mesmas questões são desenvolvidas em sua tese de doutoramento, antevistas já no primeiro capítulo — "Proletarização Industrial e Proletarização de Famílias de Trabalhadores" (Alvim, 1984b).

Fazendo a história, a partir do ponto de vista dos próprios trabalhadores, e conhecendo sua vivência no presente, fugindo da tentação de cair em análises catastróficas da classe trabalhadora e tentando relativizar as categorias do discurso teórico e do discurso

dos trabalhadores, a autora nos faz perceber uma forma específica de dominação, assim como as "práticas de resistência" correspondentes (1984b:2); resistência, aí, no sentido da lógica que preside às atitudes e disposições culturais dessas famílias de trabalhadores na luta por sua reprodução.

Uma segunda determinação estrutural é a crescente mercantilização de toda a atividade econômica, tendendo a comprimir a produção doméstica ou de subsistência, tornando-a mínima, o que leva à intensificação da dependência do capital.

Desvenda ainda uma faceta pouco mencionada do padrão de acumulação brasileiro, onde o capital termina por lançar sobre os ombros da própria classe operária o ônus da reprodução da fração em reserva de sua força de trabalho.

Luiz Antonio Machado da Silva já tem uma considerável produção na área dos estudos urbanos e, desde o seu artigo quase clássico "O Significado do Botequim" (Machado da Silva, 1969), essa produção tem enfatizado variações em torno da organização social do meio urbano. Seu trabalho com Gilberto Velho (Velho e Machado da Silva, 1977) traz essa marca.

Por outro lado, na obra que se inicia com o também pioneiro "Política na Favela" (Machado da Silva, 1967), relativiza a categoria "favelado" e revela formas próprias dos diversos segmentos de trabalhadores da favela se relacionarem com a política, enfatizando a desnaturalização de certos modos de vida e de trabalho.

Sua dissertação de mestrado (também do Museu Nacional) "Mercados Metropolitanos de Trabalho Manual e Marginalidade" (1971) é, talvez, o momento onde esta relativização se dá com mais acuidade.

Como participante da equipe do projeto "Emprego e Mudança Social no Nordeste", Luiz Antonio Machado da Silva introduz, junto com José Sergio Leite Lopes, o livro *Mudança Social no Nordeste,* que contém os primeiros resultados da pesquisa na parte referente a condições de vida e trabalho de trabalhadores urbanos. Essa participação no projeto reforça sua aproximação com os outros membros da equipe e, principalmente, nos faz ver que essa "tabelinha" (Machado da Silva, Leite Lopes e Alvim) não é totalmente nova.

Relacionei esses trabalhos de Luis Antonio Machado da Silva, porque seu artigo mais recente reflete, de maneira especial, uma certa forma de articular questões sobre o trabalho e a vida de traba-

lhadores de carne e osso, que já se encontrava em seus trabalhos anteriores.

Estes três pesquisadores guardam suas particularidades e seus interesses de pesquisa diversificados. Não quis fazer aqui uma "biografia" dos autores. O tipo de recorte escolhido para comentar seus trabalhos privilegia as proximidades, arriscando um contraponto em relação ao organizador do livro, que sublinha a total independência dos artigos. Nestas anotações, ficou muito claro que uma conjuntura do campo intelectual brasileiro uniu, em certos níveis, este pesquisadores. As semelhanças estão menos nos aspectos substantivos e mais na lógica subjacente, que os faz organizar de maneira similar seu conhecimento.

Segue-se um resumo de algumas dessas proximidades.

1. A desnaturalização de categorias do discurso científico com a mesma acuidade com que se desnaturaliza categorias do discurso dos grupos estudados.
2. A busca de uma antropologia da classe trabalhadora, estabelecendo relações entre vertentes do conhecimento consideradas, muitas vezes, antagônicas.
3. As duas primeiras semelhanças levam a um repensar a classe trabalhadora no Brasil, através de novas questões, como a da relação entre heterogeneidade e consciência de classe; formas de resistência e relações com o processo de trabalho, entre outras. Ao colocar novas perguntas, esses pesquisadores redimensionam o debate e a própria problemática nas quais se inserem.

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. "O Ofício do Professor ou a Difícil Tarefa da Transmissão do Conhecimento" In *Cadernos de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1984a.

————. Proletarização Industrial e Proletarização de Famílias de Trabalhadores. Relatório ao CNPq. Mimeo, 1984b.

LEITE LOPES, José Sergio. *O Vapor do Diabo. O Trabalho dos Operários do Açúcar.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; 2.ª ed., 1978.

————. Introdução e Apresentação da Comunicação n.º 7. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1982.

LEITE LOPES, José Sergio et alii. *Mudança Social no Nordeste: a Reprodução da Subordinação.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO DA SILVA, L. A. A política na Favela. *Cadernos Brasileiros* 41, maio/junho, 1967.

————. O Significado do Botequim. *América Latina* 12/3, julho/setembro, 1969.

————. Mercados Metropolitanos de Trabalho Manual e Marginalidade. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1971.

PALMEIRA, Moacir et alii. Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste (projeto de pesquisa). *Anuário Antropológico/76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

VELHO, G. e L. A. MACHADO DA SILVA. A Organização Social do Meio Urbano. *Anuário Antropológico/76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.